

# A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO-PROFESSOR EM AMBIENTE VIRTUAL: DA ANÁLISE DO DISCURSO AOS ESTUDOS CULTURAIS

Flávio Vieira Soares Carneiro (UFCG)

vieira.uepb@gmail.com

Aloísio de Medeiros Dantas (UFCG)

aloísiomd@yahoo.com.br

## Introdução

Este trabalho propõe-se a investigar o posicionamento discursivo - os comentários - dos sujeitos-professores, acerca das *identificações* de ser professor, publicadas por colunista da mídia virtual, em um contexto de greve. Desse modo, os problemas relacionados ao campo educacional, de maneira mais específica o movimento grevista dos professores do Estado de São Paulo recebe ênfase neste estudo.

Seguindo essa visão, o nosso olhar está direcionado para os componentes da subjetividade e da identificação numa perspectiva processual e dinâmica, comportamento típico da sociedade contemporânea. Com igual importância, dispensamos uma atenção especial ao sujeito, vislumbrando-o a partir das esferas social e política. Assim sendo, também o relacionamos aos sentidos, por entendermos que tal relação assumiu desdobramentos significativos na análise do nosso *corpus*.

Nesse sentido, analisamos o discurso dos sujeitos da nossa pesquisa à luz da Análise do Discurso (AD) e da perspectiva pós-estruturalista dos Estudos Culturais, priorizando os postulados teóricos de Bauman (2008), Fernandes (2008), Hall (2006), Mittman (2010) e Pêcheux (2009). Assim, ancorados nessas três linhas teóricas, passamos a entender o processo de constituição do sujeito-professor em ambiente virtual, procurando desvelar as condições subjetivas em que a própria identidade vai sendo constituída.

Enfatizamos nessa ordem que o nosso trabalho está ancorado nos princípios da AD que “confrontam” os usos da linguagem ao contexto sócio-histórico em que ela se inscreve. Para tanto, percebemos o sujeito como sujeito da linguagem, constituído historicamente e interpelado pela ideologia, sendo assim, heterogêneo e multifacetado. O seu dizer está pautado nos discursos veiculados na sociedade ou no grupo social no qual ele se encontra inserido. Sua identidade não é fixa, mas transita na história.

Portanto, estabelecidas essas concepções teóricas que fortalecem este estudo, acreditamos que os comentários produzidos pelos sujeitos-professores de nossa pesquisa não escapam a essas condições. Sendo assim, esperamos responder ao seguinte questionamento: Que comentários são registrados pelos sujeitos-professores em espaços virtuais como “respostas” ao posicionamento da “mídia”, representada por colunista da Folha.com, sobre a greve da categoria e “como” refletem nos seus processos de identidades e subjetividades?

## 1. Metodologia

O *corpus* desta pesquisa foi extraído do Portal Uol, a partir dos textos do colunista Gilberto Dimenstein (doravante GD), da [Folha.com](http://Folha.com), especialista em assuntos

relacionados à cidadania, membro do Conselho Editorial da Folha e criador da ONG Cidade Escola Aprendiz. GD é reconhecido por suas reportagens sobre temas sociais e suas experiências em projetos educacionais.

Nesse caso, em função de uma temática – a greve dos professores do Estado de São Paulo –, selecionamos para este estudo o quinto texto – Professor é a profissão mais importante (o último de uma sequência de cinco) publicado por GD em abril de 2010, quando os professores decidiram voltar às atividades. A opção por este texto justificase, principalmente pelo descompasso registrado nos posicionamentos de GD frente ao movimento grevistas, ora “atacando” os professores, ora valorizando-os, a partir de manobras discursivas recorrentes.

Tento em vista, pois, a participação efetiva dos sujeitos no contexto em que atuam, chegamos aos comentários referentes aos textos de GD, foco dessa investigação. Para efeito de análise, além do texto do colunista, foram selecionados três comentários dos sujeitos-professores. Essa seleção pautou-se nos critérios introduzidos por Pêcheux (2009), intitulados de *modalidades das tomadas de posição*.

Nessa direção, cruzamos os *dizeres* de GD e dos sujeitos-professores, objetivando perceber a correspondência, ou não, entre as modalidades, a partir do que queriam os professores (a pauta). Com base nessa discussão, enfatizamos os processos de identidade e subjetividade, relacionando-os à concepção pós-estruturalista dos *Estudos Culturais* que coadunaram com a perspectiva discursiva adotada neste trabalho.

Seguindo esse caminho e de modo a sistematizarmos a nossa análise, após o texto de GD, sinalizado com número, data – dentro de uma borda externa e logo abaixo, o título, disponibilizamos os textos dos comentaristas – Comentarista 1 (C1), Comentarista 2 (C2) e Comentarista 3 (C3), nessa ordem, respectivamente contemplamos as três modalidades – *identificação, contra-identificação e desidentificação*.

Também consideramos oportuno assinalar que nossa análise foi organizada em dois momentos. No primeiro, enfatizamos o discurso de um “sujeito de valor”, atrelado ao universo da informação midiática, que seleciona e publica o que lhe “convém”. Esse sujeito é representado por GD, que ao se debruçar sobre a pauta da greve dos professores, estabelece posicionamentos que destacam sua atuação, do acontecimento à notícia. Considerando a natureza desse tópico, pensamos no título ***Identificação, contra-identificação e desidentificação: o posicionamento de um jornalista da Folha.com acerca da greve dos professores de São Paulo***.

No segundo momento, pensamos nas condições desfavoráveis que assolam a categoria dos professores – “sujeitos não valorizados”, por isso expostos aos descasos da educação e dos governantes, conseqüentemente. Tais sujeitos são categorizados em nosso trabalho como “sujeitos-professores”, educadores em geral, fragilizados e “descontentes” com o seu campo de atuação profissional, em consequência de elementos que provocam ricas interrogações nas suas reflexões em permanecer na docência, o que vem afetando a constituição de suas subjetividades e identidades, processos que comprometem a realização de um bom trabalho. Para esse tópico, julgamos pertinente o título ***A Identidade e a Subjetividade dos sujeitos-professores em (re)construção resvalada por meio de comentários e pelas modalidades de tomadas de posição***.

É importante ressaltamos que não houve uma preocupação em analisar todos os comentários enviados ao texto de GD, tendo em vista que a Análise do Discurso não visa à exaustividade. Nessa condição, os comentários selecionados para análise foram submetidos aos mesmos critérios supracitados, de modo que se relacionassem com o nosso objetivo. Em razão deste último e das necessidades analíticas, precisamos realizar

alguns recortes no “corpo” dos comentários. Tais recortes, para facilitar a compreensão foram apresentados em forma de excertos.

## 2. Sujeito: identidades e subjetividades

A relação entre sujeito, subjetividade e identidade, sob a ótica da Análise do Discurso e dos Estudos Culturais, tem reivindicado profícuas investigações em virtude do surgimento de concepções que vêm (re)direcionando a posição ocupada pelo indivíduo imerso numa sociedade às avessas, de muitos desarranjos e dispersão.

O caminho que nos é sugerido, para melhor compreender esse cenário, deve partir da discussão sobre sujeito. Essa categoria, além de perpassar todo o nosso estudo, embasa as considerações teoricamente mobilizadas na análise dos nossos dados e adquire, ainda mais, relevância quando a associamos à noção de professor constituído em ambiente virtual.

Dessa maneira, a categoria sujeito-professor, percebida a partir de comentários processados no ambiente virtual, contempla o foco da nossa pesquisa e evidencia, dentre as muitas profissões, aquela que elegemos para conduzir este escopo. Para tanto, julgamos pertinente lembrar que os comentários enviados a GD, pelos sujeitos-professores, sobre a greve da educação no Estado de São Paulo veiculam idéias e/ou “discursos” que nos permitem apreender o modo como eles se posicionam frente às considerações publicadas pelo colunista.

Nessa empreitada, convém frisar que a realidade proposta para análise, apesar de geograficamente distante da nossa, possui uma relação bem próxima no que se refere aos prejuízos e às reivindicações da categoria no âmbito nacional. Essa afirmação tanto pode ser constatada nos textos de GD, como nos comentários dos sujeitos-professores.

Esses comentários, disponíveis em nosso *corpus*, evidenciam o *caráter material do sentido*. Isso equivale a afirmar que “o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ (...)”. (PÊCHEUX, 2009, p.146). Pensando dessa forma, o autor argumenta que as posições ideológicas presentes no processo sócio-histórico determinam o sentido das palavras, expressões e proposições. Já os seus respectivos sentidos estão condicionados às posições assumidas *por aqueles que as empregam*.

### 2.1 – Subjetividade “tensa”

Na contramão do discurso consolidado pela imprensa, o sujeito-professor “quase” imerso num contexto democrático viabilizado pelo ciberespaço que “se oferece aos movimentos sociais como mais um lugar de manifestação e circulação daquilo que é silenciado na grande mídia” (Cf. MITTMAN, 2010, p.91) se depara com a condição de se encontrar mais favorecido no universo das muitas arbitrariedades. Esse cenário concede espaço para que possamos pensar e/ou questionar em que momento foi facultado ao cidadão comum difundir suas ideias e pensamentos de forma tão democrática e descentralizada.

Considerando esse aspecto, a partir do reconhecimento do processo de desterritorialização e da própria necessidade de mudança impelida pela globalização contemporânea, as instâncias virtuais articulam-se rumo ao credenciamento de “uma nova organização social no território virtual” (Cf. FERRARI, 2010, p. 70).

Esse território instaura e/ou reforça as tentativas de mudanças tencionadas por muitos grupos sociais, sobretudo aqueles submetidos ao controle e a homogeneização da escrita, concebida como instrumento de poder econômico, político e cultural. Desse

modo, no espaço enunciativo propiciado pelos ambientes virtuais é possível ouvirmos a voz da revolta e da discordância e reconhecermos o poder, até então inexistente, que reveste os sujeitos internautas.

Sob esse ponto de vista, Ferrari (2010, p. 70) reconhece:

As comunidades linguísticas que tinham constrangimento ou controle social no Estado moderno perceberam que a *www* tornou-se um novo canal de mídia capaz de criar unidade global, em que os membros de qualquer unidade cultural ou lingüística podem se organizar e agir nesse ambiente virtual como uma resistência organizada, independentemente da limitação territorial.

Nessas circunstâncias, percebemos que ao sujeito-professor são disponibilizados diversos canais de expressão, que podem lhe conceder mecanismos propiciadores de rupturas e contestações, além do privilégio de explicitar posições divergentes, consequência de um novo gerenciamento, subsidiado por uma identidade movente e uma subjetividade tensa, como sugere o mundo contemporâneo.

Essas considerações convergem com o pensamento de Ferrari (2010, p.87), quando ela considera que “as novas formas interativas de acesso à informação, as conferências e as redes via computação representam o mais novo território de disputa e luta na sociedade”.

De maneira enfática e pontual, Mittman (2010, p.91), ao reportar-se ao controle dos discursos e das vozes silenciadas pela grande mídia, salienta:

Enquanto a grande mídia serve ao poder político-econômico como instrumento de controle da circulação de discursos, e, portanto, controle da interpretação para a perpetuação desse poder, a apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais – como movimentos à margem do sistema – tem sido um forte instrumento de enfrentamento às dominâncias, furando esse controle e provocando novas possibilidades de produção e circulação de discursos.

Dessa forma, percebemos a potencialidade concedida pelo ciberespaço ao sujeito-professor, sobretudo no momento de formulação dos dizeres que ele articula e expressa. Na maioria das vezes, são discursos de indignação e discordância, cujas consequências ideológicas do confronto – na verdade, um “embate” profissional entre o professor e o que foi publicado pelo jornalista no ambiente virtual, assinalam a conjuntura em que os professores são interpelados em sujeitos. Essa interpelação evidencia uma espécie de réplica e permite ao profissional de educação “empoderar-se” diante da mídia em favor dos seus anseios e angústias.

## 2.2 – Identidade “desterritorializada”

No tocante à identidade, especificamente, Fernandes (2008) a considera como sendo “não fixa”, fragmentada, inacabada e processual. Resultante dessa compreensão, o autor reafirma que “o sujeito é produzido no interior dos discursos e sua identidade é resultante das posições do sujeito nos discursos” (FERNANDES, 2008, p.32).

Nesse cenário de identidades pluralizantes e de posições de identidades menos fixas, porque situadas em contextos mais políticos, trans-históricos e diversos (cf. HALL, 2006), pensamos, rapidamente nos nossos dados, relacionando-os a uma espécie de identidade mais defensiva, cujo eixo de identificação gravita em torno de um espaço de discussão com interdições relativas.

Ainda delineando esse panorama, Fernandes (2008) reconhece uma analogia entre sujeito e identidade, ao afirmar que esta última, assim como o sujeito, não é fixa, o que sinaliza um processo constante de produção, caracterizado por grandes mutações. Para esse autor, “o sujeito, assim como a identidade, está sempre em movimento (...) e cada lugar ocupado por ele o faz mostrar-se outro, diferente de si, o que atesta o caráter contraditório e inacabado da identidade”. (FERNANDES, 2008, p.33). O autor ainda ressalta que a materialização dos discursos processados na/pela língua torna possível percebermos os deslocamentos e as movências que constituem o sujeito.

Problematizando a questão da identidade num mundo globalizante, Bauman (2008) acentua a importância de voltarmos nosso olhar para a identificação. Percebendo esta como interminável e incompleta, “uma atividade (...) na qual todos nós, por necessidade ou escolha estamos engajados”. (BAUMAN, 2008, p.193)

### 3. Análise dos dados

Texto 5 – 09.04.2010 → Gilberto Dimenstein

#### Professor é a profissão mais importante

Sempre digo que professor é a profissão mais importante porque ele forma do médico ao engenheiro, passando pelos cientistas – nenhuma atividade é tão essencial a uma sociedade como a educação. É por isso também que o professor tem de ser cada vez mais valorizado, até porque é a forma de atrairmos talentos para a sala de aula. Tenho defendido essa posição toda a minha vida. Daí minha perplexidade ao ler muito dos e-mails – alguns deles apenas insultos – enviados por causa de uma posição sobre a greve dos professores, que acabou sem nenhuma reivindicação atendida. Se tivessem lido os comentários com atenção, veriam que minhas posições ajudam muito mais o professor do que a defesa de posições corporativas extremadas. A greve não teve o apoio da sociedade porque não se viu ali a defesa do aluno, mas de outros interesses – a sociedade só prestou atenção quando se fechou a Paulista e tumultuou o trânsito. Volto a dizer que o professor é massacrado diariamente e precisa expor seus dramas para melhorar suas condições de trabalho, a começar do salário. Mas será difícil a sociedade apoiá-la se seus representantes pedem aumento do absenteísmo, fim das provas aos professores, ataques aos programas de mérito. Pior ainda, quando manifestações acabam de violência, gerando cenas que, de forma alguma, representam os professores – uma violência da qual a própria presidente do sindicato foi vítima durante a assembleia que decretou o fim da greve.

**Identificação, contra-identificação e desidentificação: o posicionamento de um jornalista da Folha.com acerca da greve dos professores de São Paulo.**

#### Excerto 1:

*Sempre digo que professor é a profissão mais importante porque ele forma do médico ao engenheiro, passando pelos cientistas – nenhuma atividade é tão essencial a uma sociedade como a educação.*

Nesse espaço de *identificação* plena para com o professor, GD, revisitando formulações anteriores, insere o docente num âmbito “sócio-histórico” capaz de

ressaltar o reconhecimento de uma carreira – professor é a profissão mais importante – que há muito tempo deixou de ser percebida como essencial, principalmente pelas condições precárias que atravessam seu campo de atuação.

Nessa projeção, registramos o pensamento ilusório e “sempre” atenuante de GD, quando pensamos em outras realidades externas à sala de aula, a partir de cenários que apontam para a desvalorização do professor, comumente exposto à inacessibilidade em direção aos benefícios preteridos pela sua classe, como apresentam os textos publicados por GD e os comentários produzidos pelos docentes.

Com base nesse panorama e percebendo as vozes sociais que atravessam a voz de GD, configurando a heterogeneidade do discurso, ressaltamos que ao contrário do que ele pressupõe, o professor, mesmo sendo indispensável à sociedade, não é percebido como responsável pelo sucesso de muitos outros profissionais, sobremaneira, quando na contramão da sua luta para dirimir os problemas que o persegue, surge “um” jornalista demasiadamente interessado, por questões políticas, em colocá-lo num vácuo social, no qual sua história é apagada e seus direitos abstraídos.

Diante do que pontuamos, podemos perceber que o sentido das palavras e dos enunciados não existem “em si mesmo”, haja vista, as posições ideológicas que atravessam o processo sócio-histórico “no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (PÊCHEUX, 2009, p.146).

#### Excerto 2:

*A greve não teve o apoio da sociedade porque não se viu ali a defesa do aluno, mas de outros interesses – a sociedade só prestou atenção quando se fechou a Paulista e tumultuou o trânsito. Volto a dizer que o professor é massacrado diariamente e precisa expor seus dramas para melhorar suas condições de trabalho, a começar do salário.*

Insinuando o “silêncio” da sociedade perante o movimento grevista, GD evoca para a discussão, novamente, o suposto vínculo dos professores grevistas com o sindicato que os representa, e implicitamente deixa transparecer sua defesa ao presidenciável José Serra.

Tencionando, pois, disfarçar suas pretensões políticas, GD, na posição de resistência à greve, adota um discurso de sentidos silenciados, utilizando-se de manobras discursivas que objetivam censurar o contexto histórico que envolve os docentes. Para tanto, insiste em dizer que a greve limita-se aos interesses da categoria e esquece que os alunos são parte integrante de todo o processo. GD finge, nessas circunstâncias, não perceber que oferecendo melhores condições de trabalho aos professores, os discentes poderão lograr de um ensino mais comprometido com as suas necessidades.

Por conseguinte, resistindo e escondendo-se numa indecisão desmedida, GD pontua ao final desse excerto que o professor precisa expor seus dramas. Essa constatação, imbricada à noção do pré-construído, não nos fornece nenhuma novidade considerando a trama discursiva da qual GD vem se utilizando para seduzir a sociedade, especificamente, o suposto eleitorado do pré-candidato Serra, no tocante à greve dos professores, por ele, inscrita em uma série de analogias (em forma de textos) medíocres, disfarçadas e comprometedoras – Uma greve contra os pobres; Professor ensina cego a ter visão; Vocês desrespeitam os professores; Professores dão aula de baderna e Professor é a profissão mais importante.

## **A Identidade e a Subjetividade dos sujeitos-professores em (re)construção resvalada por meio de comentários e pelas modalidades de tomadas de posição.**

### **Comentarista 1 (C1) do Texto 5 (T5):**

#### Excerto 1:

*“Professor é a profissão mais importante”. Concordo! Pena que muitos desconhecem essa importância e se comportam como trabalhadores comuns, fazendo greves e passeatas que somente prejudicam os alunos, os pais e os próprios professores.*

Potencializando os dizeres de GD, C1, numa *identificação* plena, a partir do emprego do verbo “concordar”, que denota harmonia, filia-se às abordagens discursivas instauradas por GD nos seus posicionamentos concernentes à greve dos professores.

Por esse viés, C1 “distancia-se” da postura adotada pelos colegas de profissão ao lutar por melhores condições de trabalho, evidenciando, nesse processo, um discurso contrário aos anseios e angústias vivenciados pela categoria da qual faz parte. Diante desse entrelaçamento de discursos distintos, Orlandi (1999) assegura que o interdiscurso oferece dizeres que atingem o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Sendo assim, pensando na relação do dizer com sua exterioridade, inferimos que a concepção de C1 pode se encontrar atrelada a “condições” que lhes são confortáveis, por isso, sua suposta inteireza conflita discursivamente com a problemática que polariza a identidade e a subjetividade na sociedade contemporânea dos sujeitos-professores. Assim, acentuando sua *identificação* para com GD, C1 reproduz, no seu comentário, as mesmas considerações dele acerca do movimento grevista.

Nessa perspectiva, C1 chega a insinuar que o professor não é um trabalhador *comum*, compreensão solitária e incoerente, a nosso ver, quando, de acordo com Hall (2006, p.13) “...somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis”. Para C1, portanto, que prescreve o comportamento dos seus colegas e limita suas ações, os acontecimentos discursivos, produzidos por sujeitos sociais, estarão sempre distantes do historicamente determinado, que assinala as posições de sujeito em práticas sociais.

#### Excerto 2:

*Os professores são os principais agentes de transformação da sociedade, que pode moldá-la com a educação e conscientização política, tanto dos futuros eleitores quanto dos futuros políticos. O bom trabalho do professor hoje, será um país melhor amanhã.*

Ao pontuar sua *identificação* para com GD, C1 delinea, nesse excerto, o perfil e a importância do sujeito-professor na sociedade, conferindo-lhe, sem tropeços, um reconhecimento que insere o docente num contexto histórico de poder, incitando ordem e instaurando procedimentos capazes de redimensionar parâmetros sócio-históricos.

Como percebemos, os dizeres de C1 reproduzem efeitos de sentido (re)correntes na sociedade, principalmente quando apontamos o professor como o responsável pela formação intelectual do aluno, sob essa condição, registramos a noção de pré-construído, especificamente, a relação do discurso com sua exterioridade.

É interessante, finalmente, observarmos que mesmo num processo de *identificação*, C1 explicita o que é silenciado por GD, defendendo no seu enfoque discursivo um modelo de professor como “salvador da sociedade”.

### **Comentarista 2 (C2) do Texto 5 (T5):**

#### Excerto 1:

*Meu caro Gilberto, você é muito dissimulado, sorrateiramente posiciona-se do lado dos professores, por outro lado, esteve o tempo todo combatendo o movimento grevista (constitucionalmente garantido).*

Ressaltando a “hesitação” recorrente de GD, C2 expõe sua *contra-identificação*, a partir do T5 – Professor é a profissão mais importante – e estabelece um eco discursivo com os outros textos de GD, nos quais ele ora defende o professor, ora o ataca, através de produções linguístico-discursivas que preconizam expor o docente, a partir dos seus pontos-de-vista e interesses políticos-pessoais, a condições de apagamento da subjetividade e da valorização de suas ideias e projetos, tanto para si, quanto para a categoria a qual pertence.

Faz parte desse projeto de submissão, articulado por GD, silenciar os discursos dos sujeitos-professores, uma vez que estes representam perigo à candidatura de Serra, ao apresentarem o cenário caótico da educação de São Paulo e todo o desconforto dos docentes em consequência do movimento grevista, instaurado para pressionar o governo paulista, veementemente “protegido” pelas manobras discursivas de GD.

O reconhecimento de C2, porém, assinala a determinação do docente de se manter firme diante das formulações tendenciosas de GD. Percebendo isso, podemos ressaltar o esforço do sujeito-professor, gerenciado por posições divergentes, até mesmo dentro da sua própria categoria, mas circunscrito em mecanismos propiciadores de rupturas e contestações, potencializando, assim, as novas possibilidades de produção e circulação de discursos, e assinalando, portanto, uma identidade movente, uma subjetividade tensa.

#### Excerto 2:

*Considera-se vitimado pela nossa incompreensão. Dimenstein não considere isso como ofensa, mas você defende a ESCOLA somente para os seus, esta é uma visão retrógrada da idade média, religiosa, elitista e mesquinha.*

Partindo de uma *contra-identificação* irônica – *não considere isso como ofensa*, C2 dirige-se a GD a partir de um discurso que objetiva interditar a “lógica” dos seus posicionamentos, sugerindo-lhe, implicitamente, a necessidade do seu “silêncio”. Nessa dinâmica entre o que é dito à revelia e o que supostamente deveria ter sido silenciado, C2, movido pelo “já-dito”, ressalta a postura falaciosa de GD, inserindo seus dizeres em registros discursivos – *visão retrógrada*, porque comprometida (*grifos nossos*) que refletem o “apagamento” da Escola, enquanto instituição responsável pelo processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Além disso, vale reafirmar, pensando nas posições enunciativo-discursivas de GD, referentes ao movimento grevista dos professores, seus objetivos “políticos” diante das tentativas de controlar e delimitar o discurso e as ações dos sujeitos-professores,



concebidos neste espaço a partir de uma perspectiva processual e dinâmica, reiterando, por essas razões, a ideia de construção, incompletude e eterno porvir.

### **Comentarista 3 (C3) do Texto 5 (T5):**

#### Excerto 1:

*É Sr. Gilberto com estas posições em relação ao professorado o Sr já pode ser o secretário da educação do Serra, do Geraldo, do Covas, do Fleuri, do Quercia, Montoro, e até do Maluf, independentemente de partido.*

A partir da construção de uma sequência discursiva alicerçada na *desidentificação* e que remete ao “já-dito”, C3 recupera no seu dizer discursos anteriores que se fundem no “cruzamento entre uma atualidade e uma memória” (GREGOLIN, 2009, p.51). Desse caráter heterogêneo, decorre a inserção do discurso na História, condição que dialoga com o pensamento da inexistência de enunciados sem margens.

Diante dessa heterogeneidade em que os sentidos são produzidos, pensemos na relação do sujeito com o enunciado, tencionando problematizar as condições sócio-históricas em que o discurso, enquanto acontecimento, transita. Assim, podemos afirmar que C3, ao evocar para o seu comentário “nomes” de políticos que tiveram passagem pelo governo de São Paulo, foi direcionado pelas redes da memória, produzindo “novos” discursos a partir de paráfrases e deslocamentos.

Nessas condições, atravessado pela ideologia que o inscreve em circunstâncias históricas determinadas, C3 deixa entrever, nas suas formulações, a falta de credibilidade dos políticos junto à categoria dos docentes. O panorama político-histórico delineado sinaliza bem essa conjuntura e referencia o descaso para com a educação, assim como, as situações problemáticas enfrentadas pelos sujeitos-professores, ora movidas pelo entusiasmo, ora pela desilusão. Sentimentos responsáveis pelos seus “encontros” com suas subjetividades e identidades.

#### Excerto 2:

*Agora o Sr vem questionar comportamento de professor num clima tenso que é uma greve, tenha DÓ. Fale um pouco da polícia do SERRA infiltrada no meio dessa Greve.*

Novamente, *desidentificando-se*, C3 coloca no centro das problematizações de GD o estado emocional dos sujeitos-professores, objetivando destacar a indignação e a revolta, sentimentos comumente “aceitos” em contextos de greve.

Levando-se em consideração os textos de GD, podemos inferir que as condições situacionais do contexto grevista, principalmente àquelas relacionadas aos docentes, não foram observadas, porém, visualizadas estrategicamente como “prejudiciais” aos discursos oficiais.

Nessa instância de “espetáculo”, protagonizado por GD, o “apelo imperativo” de C3 – *tenha DÓ*, supõe o descompasso entre a realidade enfrentada pela sua categoria, já estigmatizada, sendo frequentemente motivo de compaixão, e o posicionamento de GD, ancorado em princípios que permitem restritamente a observação dos aspectos da realidade que lhes são mais convenientes.

Reforça o “interesse”, sempre disfarçado, de GD, a sugestão apontada por C3 – *Fale um pouco da polícia do SERRA* – o que de imediato nos remete ao tratamento violento, segundo o secretário-geral do Sindicato, Fábio Santos de Moraes, em entrevista ao *Viomundo*, que foi dispensado aos professores, quando organizaram uma manifestação próxima ao Palácio dos Bandeirantes. Nesse aspecto, fica bastante evidente o empenho de GD em tentar macular a imagem do professor e preservar as “boas” ações do presidenciável José Serra.

## **Considerações (não) finais**

A partir da nossa análise, podemos afirmar que boa parte das considerações que deveriam ser realmente “finais” foram, de certa forma, antecipadas na análise dos dados, como acréscimo, todavia destacamos, mais pontualmente o re(direcionamento) do sujeito-professor inserido numa sociedade às avessas e conduzido por ações pautadas em reivindicações capazes de representar o direito de um posicionamento menos monitorado, constituído de especificidades que assinalam opiniões divergentes, mesmo que estas contrariem as réplicas dos discursos evidenciados pela *espetacularização midiática*.

Diante dessa realidade, pois, registramos o surgimento de um “sujeito-professor” que articula e manifesta a formulação do seu dizer, que se desloca e que se constitui nas suas formulações. Um sujeito que se posiciona contra, ou a favor, se for o caso, mas que não abdica de participar, de interferir e de dizer o que pensa, comportamento que registra a relação do discurso com sua exterioridade e que assinala a sua inserção num processo sócio-histórico, apesar das “manobras discursivas” atreladas à grande mídia.

Nessas circunstâncias, vale salientar que a ideia de professor simplesmente responsável pela transmissão de conteúdo tende a “diluir-se”. Vislumbramos, a partir disso, um comportamento de professor mais dinâmico, menos aprisionado ao caos, à injustiça e à inacessibilidade em direção aos benefícios preteridos pela sua classe. Coaduna, portanto com essa perspectiva a ideia de identidade não-fixa, porque inacabada e processual, sempre atrelada à subjetividade, sendo esta decorrente dos “percalços” que cercam a carreira docente.

## **Referências bibliográficas**

BAUMAN, Zygmunt. *Sociedade individualizada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2010

FERNANDES, Cleudemar. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Linguagem e história: relações entre a lingüística e a análise do discurso. In.: SANTOS, João Bosco Cabral. *Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas*. Uberlândia, EDUFU, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MITTMANN, Solange. Movimentos sociais no ciberespaço: o cruzamento de duas ordens discursivas. In.: RIBEIRO, Ana Elisa; VILLELA, Ana Maria Nápoles; SOBRINHO, Jerônimo Coura; SILVA, Rogério Barbosa (orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Peirópolis, 2010.

ORLANDI, Eni. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.